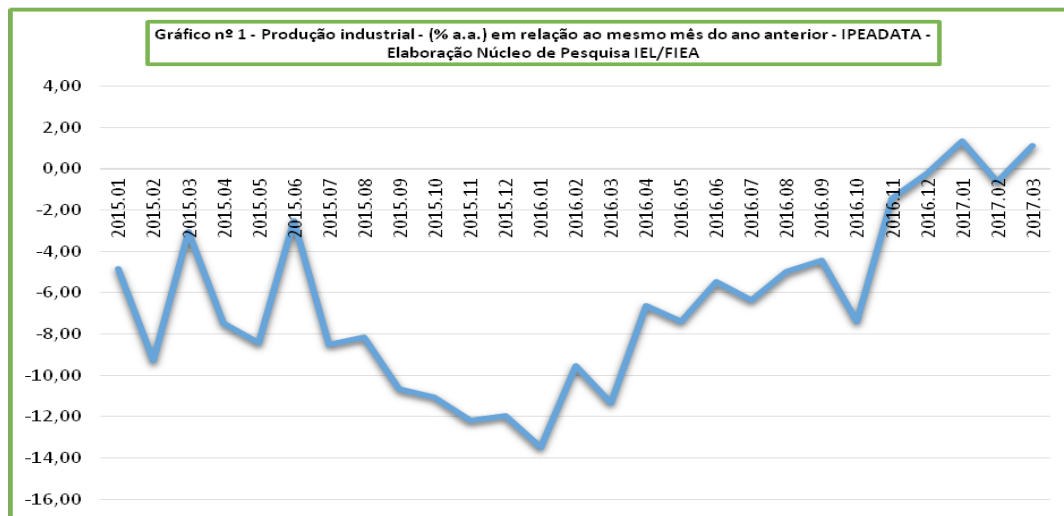




## SÍNTESE PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

### Sinais de acomodação da produção industrial



Em março de 2017 a indústria brasileira apresentou crescimento de 1,1% quando comparada a igual período do ano anterior e certa acomodação de 0,6% em relação ao primeiro trimestre de 2016, como pode ser observado nos gráfico nº 1. A melhoria do resultado da indústria em março na comparação com o mesmo mês em 2016 assim como no trimestre deveu-se, além do aumento das exportações e de um certo efeito da redução dos juros sobre a demanda de alguns setores, a uma base de comparação muito baixa favorecendo aos setores indústrias que obtiveram as maiores perdas nos três primeiros meses de 2016, que são bens de capital e de consumo duráveis, e apresentaram as

maiores altas da indústria de 4,4% e 8,5%, respectivamente, em março. Já a queda de -0,5 nas indústrias de semiduráveis e não-duráveis reflete os problemas de fragilidade da demanda no mercado interno em virtude do aumento da taxa de desemprego que chegou, segundo o IBGE, a 13,7% no trimestre de janeiro a março, com 14,2 milhões de trabalhadores desempregados; da ainda elevada taxa de endividamento das famílias mesmo tendo saído do patamar de 42% para 39%; com o crédito tanto para famílias como para empresas racionado em função do aumento significativo da provisão de crédito duvidosos por parte dos bancos e do custo de oportunidade dado pela ainda elevada

rentabilidade dos títulos públicos. Uma vez que consumo representa 60% do PIB, estes fatores explicam, em parte, a dificuldade da indústria sustentar a produção na margem, como pode ser observado com a queda de -1,8% em relação a fevereiro com dados desazonalizados. O preocupante é que com este dado de março a indústria ainda não apresentou nenhum resultado positivo em 2017 na comparação com os meses imediatamente anteriores e isto reflete a dificuldade de sustentar uma trajetória de recuperação que pode prolongar a fase de acomodação, mesmo com a melhora considerável em relação ao primeiro trimestre de 2016.

## O Banco Central tem ficado atrás da curva de juros

A contínua revisão para baixo dos analistas de mercado para a estimativa de inflação (IPCA) em 2017, que já está em 3,93% e bem abaixo dos 4,98% de janeiro, exige que o Banco Central do Brasil acelere a redução da taxa básica selic para evitar aumento da taxa real de juros. O IPCA dos últimos doze meses de 4,08%, quando em janeiro encontrava-se em 5,35%, demonstra a velocidade com que a inflação está caindo o que tem contaminado as expectativas para o nível geral de preços para este ano. Como discutido no Panorama Conjuntural de março, a manutenção das estimativas da inflação abaixo do centro da meta de 4,5%aa indica que há espaço para reduções da selic abaixo 8,5%aa, conforme projeções do Bank of America (BofA) Merrill Lynch

que aposta em 7,5%, do Itaú Unibanco em 7,25% e do Fibra em 7%. E mais, os contratos de swap DI X Pré-360 dias, que sinalizam a tendência da selic, estavam em abril com taxa de 9,45%aa, ou seja, 1,8% abaixo da taxa básica do BCB de 11,25%aa. Este diferencial implica que a taxa real selic (Ex-Ant) está 2,0% acima da estimada para os contratos privados de um ano, o que reforça a existência de espaço para o BCB acelerar a redução da taxa básica. Ademais, o Brasil continua a liderar o ranking de maior taxa de juros real do mundo com 6,36%aa em abril de 2017, contra 2,1%aa da China, 1,67%aa da Índia, 1,63%aa da Argentina, 1,24%aa do México, 2,49%aa da Colômbia e 1,13%aa da África do Sul. A redução mais rápida dos juros teria

o efeito de diminuir o serviço da dívida pública, em um contexto de déficits primários; acelerar os processos de desalavancagem de famílias e empresas, abrindo espaço para aumento do consumo; além de possibilitar taxas de câmbio menos apreciadas o que contribuiria para a retomada da produção industrial, seja pela via das exportações, seja pela da substituição das importações. O BCB, por sua vez, mantém em suas atas e relatórios de inflação que o ritmo de ajuste da selic está correlacionado com a aprovação das reformas estruturais, principalmente a da Previdência, pelo Congresso Nacional, o que pode colocar a velocidade de quedas da selic em xeque.



## A Produção Industrial Brasileira em Março de 2017

O desempenho da indústria brasileira em março de 2017 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, queda na margem de -1,8%. Na comparação com o mesmo mês em 2016 a indústria registrou aumento de 1,1%. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “neste início de ano, ao que tudo indica, a fase de moderação da crise industrial vista em 2016 parece finalmente dar lugar a um

período de estabilidade, em que a indústria não sofre mais perdas tão agudas como no passado, mas tampouco conta com bases sólidas sobre as quais possa construir sua trajetória de recuperação. Assim, resultados positivos até são obtidos em determinados meses ou em certos setores, mas geralmente são pouco expressivos e, não raras vezes, acabam sendo seguidos de novas quedas. Em resumo, temos uma indústria saindo do vermelho, mas o processo é muito parcial, seja porque ainda não se verifica na indústria de transformação ou

porque não vem dos macrossetores de maior peso (bens intermediários e semi e não duráveis), mas sim daqueles que contam com um efeito base de comparação muito baixa ou uma demanda reprimida devido ao longo tempo de retração econômica, isto é, bens de capital e de consumo duráveis. Nesses dois últimos casos especialmente, mas também na indústria como um todo, os resultados na série com ajuste sazonal ainda não autorizam comemorações.”

### Variações da Produção - Março 2017 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-1,8	1,1	0,6	-3,9
Bens de capital	-2,5	4,4	4,4	-2,3
Bens intermediários	-2,5	0,6	-0,4	-4,1
Bens de consumo	-2,7	1,2	1,6	-3,4
Bens de consumo duráveis	-8,5	8,5	10,5	-5,4
Semiduráveis e não Duráveis	-1,8	-0,5	-0,7	-3,0
Extrativa Mineral	-1,1	7,1	8,2	-4,3
Transformação	-1,7	0,2	-0,5	-3,7

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

#### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente

José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo

Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC

Helvio Vilas Boas

#### INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional

José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente

Helvio Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa

Eliana Sá

Elaboração

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E

PESQUISA DO IEL/AL

#### EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Bruna P. Cerqueira Pedrosa de Oliveira

Danielle Ferreira de Melo

Larissa de Amorim Fernandes